



A PRIMEIRA PREPARADORA FÍSICA DO FUTEBOL BRASILEIRO: UMA HISTÓRIA PARA SER (RE)CONHECIDA

LA PRIMERA ENTRENADORA FÍSICA DEL FÚTBOL BRASILEÑO: UNA HISTORIA PARA (RE)CONOCER

THE FIRST PHYSICAL TRAINER IN BRAZILIAN FOOTBALL: A STORY TO BE KNOWN

Leonardo Costa da Cunha¹

Luiz Carlos Rigo²



RESUMO

No ano de 1975, na cidade do Rio Grande/RS, quando ainda vigorava o Decreto-Lei n. 3.199 de 1941, que proibia, entre outras práticas, o futebol feminino, a professora de Educação Física Cleusa Maia provocou uma ruptura nos padrões futebolísticos ao se tornar preparadora física de um clube profissional de futebol masculino. O estudo que teve como procedimento operacional a história oral temática, utilizou-se dos relatos orais da própria profissional, do dirigente responsável por sua contratação e de um dos atletas da época, além das matérias publicadas em jornais e revistas. O artigo discorre sobre o seu pioneirismo e problematiza as críticas de gestores do futebol e da crônica esportiva, bem como a sua mudança de discurso ao longo da competição, além da percepção dos colaboradores sobre a presença feminina no futebol dos anos 1970, revelando, assim, muito sobre o seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Preparadora física. Mulheres do futebol. História oral.

RESUMEN

En 1975, en la ciudad de Rio Grande, Estado de Rio Grande do Sul, cuando todavía estaba vigente el Decreto-Ley n. 3.199/1941, que prohibía, entre otras prácticas, el fútbol femenino, la profesora de Educación Física Cleusa Maia provocó una ruptura en los estándares del fútbol cuando se convirtió en preparadora física de un club profesional de fútbol masculino. El estudio, que tuvo como procedimiento una historia oral temática, utilizó los relatos orales de la propia profesional, del directivo responsable de contratarla

¹ Doutorando em Educação Física UFPel. Professor do IFRS, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor da ESEF UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

y de uno de los deportistas de la época, además de artículos publicados en diarios y revistas. El artículo analiza su espíritu pionero y problematiza las críticas de los directivos de fútbol y la crónica deportiva, así como su cambio de discurso a lo largo de la competición, además de la percepción de los colaboradores sobre la presencia femenina en el fútbol de los años 1970, revelando así mucho sobre ese tiempo.

PALABRAS-CLAVE: Fútbol. Preparadora física. Mujeres de fútbol. Historia oral

ABSTRACT

In 1975, in the city of Rio Grande, in the state of Rio Grande do Sul, when the Decree-Law n. 3,199 of 1941, which prohibited, among other practices, women's football was in effect, Physical Education teacher Cleusa Maia resists football paradigms by becoming a physical trainer for a professional men's football club. The study, whose operational procedure was thematic oral history, used the oral reports of the professional herself, the manager responsible for hiring her and one of the athletes at the time, in addition to articles published in newspapers and magazines. The article discusses her pioneering spirit and discusses the criticisms of football managers and the sports chronicle, as well as the change of discourse throughout the competition, in addition to the perception of collaborators about the female presence in football in the 1970s, thus revealing much about the period.

KEYWORDS: Football. Physical trainer. Women football. Oral history.



Introdução

Na cidade do Rio Grande/RS, no ano de 1975, com o Decreto-Lei n. 3.199 de 1941 ainda em vigor, que proibia as mulheres de praticarem, entre outros esportes, o futebol, o Sport Club São Paulo contrata uma mulher como responsável pela preparação física de seus jogadores para a disputa do Campeonato Gaúcho. Cleusa Maia se tornaria, nesse ano, a primeira preparadora física de um clube profissional de futebol no Brasil.

Entre desconfianças, críticas, charges estereotipadas, comentários pejorativos e bons resultados dentro de campo, a preparadora física promoveu um momento de ruptura, conquistou espaços, quebrou paradigmas e foi notícia em renomados jornais do Rio Grande do Sul e do Brasil. Essas matérias revelam muito sobre a percepção e o significado da presença de uma mulher no futebol em seu tempo.

Cleusa Maia, até então professora de Educação Física escolar, começou sua trajetória no futebol em 1974, no juvenil do Foot-Ball Club Rio-Grandense, também da cidade do Rio Grande, mas foi no Campeonato Gaúcho de 1975, pelo S. C. São Paulo, que a sua presença ganhou repercussão e, durante esse período, certa visibilidade.

De acordo com relatos e matérias de jornais e revistas, Cleusa nunca encontrou grandes preconceitos entre os atletas, torcedores e profissionais do seu clube, todavia, em outras cidades a recepção não foi tão calorosa quanto a dos rio-grandinos³. A notícia de que uma mulher comandaria a preparação física de homens no futebol não foi bem-aceita por parte da imprensa e de gestores do futebol gaúcho, como retratam as matérias jornalísticas. Posteriormente, com os resultados dentro de campo, os discursos sexistas foram desaparecendo ou ao menos deixando de ser predominantes.

Nesse contexto, o estudo pretende registrar e dar visibilidade a uma história singular e marcante, apesar de ter se tornado infame (Foucault, 2006), para a história do futebol nacional, discorrendo sobre a primeira mulher responsável pela preparação física de um clube profissional (masculino) no Brasil em uma competição oficial.

Rio Grande: contextualização geográfica, econômica e futebolística

Localizada no litoral sul do Rio Grande do Sul e com uma população estimada em 191.900 habitantes (IBGE, 2023)⁴, Rio Grande é a cidade mais antiga do estado (19 de fevereiro de 1737), sendo reconhecida como a “Cidade Histórica – Patrimônio do Rio Grande do Sul” (Rio Grande do Sul, 1992)⁵.

Sua posição geográfica permite que o município tenha o único porto marítimo do estado, o que possibilitou, desde o século XIX, importantes intercâmbios culturais, já que o porto passou a ser um lugar “onde circulavam – além de embarcações e mercadorias – também artistas, imigrantes, artífices, modas, contrabandos, ordens religiosas, letras de câmbio, livros e ideias de um mundo moderno” (Torres, 2010, p. 11). A geografia costeira do município impulsionou diversos ciclos industriais, desde a era do charque, passando pela indústria fabril, petrolífera e pesqueira, chegando às indústrias que atualmente

³ Adjetivo pátrio dado aos nativos da cidade do Rio Grande/RS.

⁴ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/rio-grande/panorama>. Acesso em: 30 ago. 2023.

⁵ Rio Grande do Sul (Estado). Decreto n. 34.472, de 11 de setembro de 1992. Dispõe sobre a inscrição do título “Cidade Histórica - Patrimônio do Rio Grande do Sul” para a cidade do Rio Grande.

abastecem o porto, como as de metalurgia, fertilizantes, alimentos e madeira, e, por fim, ao ciclo recente do Polo Naval (Martins, 2014; Martins, 2022).

Por essas características, o futebol em Rio Grande também sofreu influência de diferentes lugares do mundo. Como discorre Witter (1990, p. 48), há indícios de que ainda no século XIX, “marinheiros disputaram partidas de futebol em diversas regiões portuárias do país”. Apesar de não ser possível precisar quando aconteceram os primeiros movimentos futebolísticos na cidade, Correia *et al.* (2020) relata que, da mesma forma que ocorreu em outras regiões portuárias, há indícios de que tenham acontecido partidas de futebol bem antes da virada do século XIX para o XX.

Essas marcas históricas registram a importância e historicidade do futebol rio-grandino, não só no cenário gaúcho, mas também no brasileiro. No processo de consolidação desse futebol, destacaram-se três clubes profissionais, dentre eles o mais antigo clube de futebol em atividade no país, o Sport Club Rio Grande, fundado em 19 de julho de 1900, além do Sport Club São Paulo, fundado em 4 de outubro de 1908 e o Foot-Ball Club Rio-Grandense, fundado em 11 de julho de 1909.

Os três clubes possuem títulos estaduais, sendo o S. C. São Paulo campeão gaúcho em 1933, o S. C. Rio Grande em 1936, além de um vice em 1941, e o F. C. Rio-Grandense em 1939, além de três vices campeonatos – 1937, 1938 e 1946 (Manhago; Grabauska, 2019). O S. C. Rio Grande foi o responsável por difundir o futebol no Rio Grande do Sul, sendo protagonista da primeira partida de futebol da cidade de Pelotas em 1901 (Rigo, 2004); em 1903 foi a vez de Porto Alegre receber os rio-grandinos (Soares, 2014) e, em 1906, Bagé (Correia *et al.*, 2020).

A tradição e a longevidade no futebol rio-grandino não é privilégio do S. C. Rio Grande ou dos clubes profissionais da cidade. Correia *et al.* (2020) salientam que nas primeiras décadas do século XX Rio Grande vivia uma ebulição futebolística. Os autores encontraram registros que fizeram menção a 47 agremiações no município, citadas ao menos uma vez no Jornal Echo do Sul, entre os anos de 1900 e 1916.

Outros estudos, como Mackedanz e Rigo (2021) evidenciam essa conjuntura ao trazerem um debate sobre as Ligas Esportivas da cidade entre os anos de 1926 e 1930, assim como Lima (2014), que demonstra a consolidação dos clubes profissionais na década de 1930, ao conquistarem títulos estaduais durante esse período.

Além do cenário futebolístico estadual, a cidade também foi representada na elite das competições nacionais no final dos anos 1970 e no começo dos anos 1980, com o S.

C. São Paulo participando da Taça de Prata e da Taça de Ouro⁶, figurando entre, “Os 40 gigantes da Taça de Ouro” (Revista Placar, 1980)⁷. Nos anos de 2016 e 2017 o clube voltou a participar de competições nacionais, disputando a Série D do Campeonato Brasileiro.

Inserido na historiografia do futebol rio-grandino este estudo justifica-se, principalmente, por tratar de um acontecimento que marca a inserção da mulher no futebol profissional masculino, reduto predominantemente ocupado por homens.

Procedimentos Metodológicos

Os primeiros movimentos para se chegar ao objeto de estudo se deram de forma empírica um tanto casual. No ano de 2015, uma *fanpage* da rede social Facebook chamada “Você Sabia? – Futebol”⁸ publicou uma imagem com a camiseta do S. C. São Paulo em segundo plano, com a seguinte frase em destaque: “Em 1975, o S.C São Paulo-RS tornou-se o primeiro clube brasileiro a contratar uma preparadora física”⁹, fato esse até então desconhecido, apesar da relação com o futebol local.

Com a intenção de investigar, registrar e dar visibilidade ao tema, foi-se em busca do que Morin (1974, p. 190) chama de “objetos biográficos” da colaboradora. Para Violet Morin, tais objetos fazem parte não só do ambiente, mas também da intimidade da sua detentora. Esses objetos extrapolam o funcional, já que se tornam também, culturais e decorativos, como “la medalla del deportista”. Eles representam experiências de vida, que nas palavras de Morin são, profissionais, mentais e afetivas, sendo parte íntima de quem as detêm.

Posteriormente, utilizou-se como procedimento operacional a história oral. De maneira mais específica, fez-se uso da história oral temática, uma vez que os colaboradores tiveram um tema particular, um assunto específico (Meihy; Holanda, 2020), ao mesmo tempo que, metodologicamente, os questionamentos foram formulados,

⁶ Referentes atualmente à 2ª e à 1ª Divisão do Campeonato Brasileiro, respectivamente.

⁷ Os 40 gigantes da Taça de Ouro. **Revista Placar**, nº 512, 22 fev. 1980.

⁸ Para mais ver, conferir: <https://www.facebook.com/VoceSabiaFutebol>

⁹ Disponível

<https://www.facebook.com/VoceSabiaFutebol/photos/a.561777220575544/891219104298019/>.

Acesso em: 5 jan. 2022.

em:

como sugere Meihy (2002), de forma ampla e em grandes blocos, com o intuito de fazer emergirem os principais acontecimentos.¹⁰

Após o contato preliminar com Cleusa Maria Dias Maia, nascida em Rio Grande/RS no dia 1º de dezembro 1946, tivemos acesso aos seus “objetos biográficos” (Morin, 1974). Esse material (fotos, recortes de jornais e de revistas) estava organizado em uma pasta e foi digitalizado, possibilitando uma apropriação de seu conteúdo.¹¹

Como discorre Meihy e Holanda (2020, p. 39), o entrevistador deve se preparar antes com instruções sobre o tema abordado, pois “quanto mais informações se têm previamente, mais interessantes e profundas podem ser suas questões”. Após a análise inicial do conteúdo, foi elaborado o roteiro que orientou a entrevista.¹²

O relato de Cleusa Maia, somado à análise do material biográfico, encaminhou-nos para um segundo colaborador – Domingos Felisberto Piegas Escovar. Seu Domingos, ou Escovar, como é conhecido na cidade, nasceu em São Borja/RS em 14 de agosto de 1936 e foi um dos responsáveis pela inserção de Cleusa no S. C. São Paulo¹³.

Após essas duas entrevistas, contatamos Antônio Carlos da Silva (Antoninho), ex-futebolista, nascido em Rio Grande em 19 de fevereiro de 1949. Antoninho começou a jogar no S. C. São Paulo aos 15 anos e foi atleta do clube na época em que Cleusa esteve como preparadora física^{14, 15}.

Por fim, com uma pesquisa na Biblioteca Nacional Digital, utilizando termos de busca (Cleusa Maia, preparadora física e fisicultora), foi possível acessar notícias que circularam por jornais de diferentes regiões do país, como o Jornal do Commercio (AM),

¹⁰ Embora as funções esportivas exercidas pelos colaboradores demandassem certa especificidade no roteiro de cada uma das entrevistas, o foco central sempre foi o ineditismo da contratação e da atuação de Cleusa Maia como preparadora física. As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra, e devolvidas aos colaboradores para que acessassem o conteúdo e, caso julgassem necessário, para proporem possíveis alterações. Posteriormente ao aval dos entrevistados, um novo contato presencial foi realizado para a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando o uso do material.

¹¹ O primeiro contato com Cleusa Maia, por aplicativo de mensagens via telefone, ocorreu no dia 26 de maio de 2021. No dia seguinte, já tivemos acesso ao seu material biográfico, dos quais, em sua grande maioria, são recortes, impossibilitando informações como datas, páginas e nomes dos jornais.

¹² Entrevista realizada no dia 02 de setembro de 2021, com duração de 1 hora e 17 minutos.

¹³ Entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2021, com duração de 40 minutos.

¹⁴ Entrevista realizada no dia 02 de novembro de 2021, com duração de 43 minutos.

¹⁵ Apesar do momento pandêmico (Covid-19), os colaboradores optaram por realizar as entrevistas de forma presencial, não colocando nenhuma objeção em relação ao encontro. Para Meihy e Holanda (2020), não se faz história oral sem o contato pessoal, a participação humana direta e premeditada são imprescindíveis à sua elaboração. Os primeiros contatos se deram através de aplicativo de mensagens por telefone celular, através do qual foi explicado brevemente o objetivo e os encaminhamentos futuros da realização da entrevista, que teve datas, horários e locais escolhidos pelos próprios colaboradores, já que, de acordo com Meihy e Holanda (2020), essa escolha deve ser uma prerrogativa do entrevistado.

o Correio Braziliense (DF), o Diário de Pernambuco (PE), o Jornal do Brasil (RJ), o Diário de Notícias (RJ) e o Diário da Tarde (PR).

Corroborou-se, assim, com Lang (1998, p. 16), que destaca a relevância da associação de diferentes fontes, possibilitando “uma visão mais ampla e variada da realidade [...]”. Além de Goellner (2007a), que atenta para a importância dessa diversidade de fontes em uma pesquisa histórica; e Portelli (1997, p. 37), que lembra que “as fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas”.

Cleusa Maia

Cleusa Maria Dias Maia nasceu em 1º de dezembro de 1946 e atualmente é professora aposentada de Educação Física. Natural do Rio Grande/RS, Cleusa pertence a uma família com oito irmãos, seu pai, Pedro Dirceu Dias, era estivador do porto do Rio Grande e sua mãe, Maria do Carmo Reis Dias, dona de casa. O casal teve seis filhos, além de Cleusa Maia, a mais velha, outros cinco homens. Sua mãe, Maria do Carmo, vinha de outro casamento, em que concebera outras duas filhas.

Sua história de vida tem uma relação permanente com as práticas corporais: “desde criança sempre tava envolvida com o esporte, por sinal o castigo de quando eu não andava direito era porque eu não ia poder jogar” (informação verbal)¹⁶.

Na adolescência, ainda na escola, Cleusa praticava vôlei e participava de competições por clubes, como o Clube de Regatas Rio Grande e o Ipiranga Atlético Clube, além de disputar torneios intermunicipais pela seleção da cidade. Na faculdade, quando frequentou por dois anos o curso de Estudos Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), participava dos Jogos Universitários.

Cleusa relata que seu objetivo sempre foi ser professora de Educação Física, mas como na época o curso mais próximo era em Porto Alegre¹⁷, ela não tinha condições de cursar a faculdade. Mesmo não tendo formação universitária, mas por possuir a experiência de atleta, somada, segundo o seu relato, à falta de profissionais da área, Cleusa foi convidada pela coordenadora da Educação Física do município a lecionar em escolas.

¹⁶ Informação mencionada por Cleusa Maia, durante entrevista em 2021 (conferir nota de rodapé 14). Referenciado doravante: (Cleusa Maia, informação verbal).

¹⁷ Rio Grande fica a 320km de Porto Alegre.

Ela sabia que eu jogava, vivia jogando, sabia que eu fazia tudo isso, aí, ela um dia me chamou, me perguntou se eu tinha vontade de dar aula. ‘Mas eu não sei dar aula, eu só sei jogar’. Ela falou assim: ‘não, mas vem aqui em casa, eu vou te dar um plano de aula e vou te ensinar como é que tu vais fazer para dar aula’. Eu: ‘tá, eu aceito’. Aí, eu acho que fui lá pra casa dela uma semana e ela ia me explicando (Cleusa Maia, informação verbal).

Durante esse período, com o intuito de qualificar-se e permanecer lecionando, Cleusa busca diversos cursos específicos da área (cerca de 18) que, segundo a colaboradora, eram promovidos em diferentes cidades do estado.

Alguns anos depois, precisamente em 7 de janeiro de 1971, Cleusa casou-se com João Carlos Maia¹⁸. A partir do “senso comum” (Geertz, 2020)¹⁹ e do momento histórico (anos 1970), poderíamos pensar que o matrimônio dificultaria ou interromperia sua carreira, como aconteceu com muitas outras mulheres dessa época²⁰. Entretanto, ela ressalta que: “depois que eu me casei houve a chance, o meu marido sabia que eu gostava muito disso e tal, houve a chance de eu poder ir pra Porto Alegre fazer meu curso. Então aí eu fui pro IPA em Porto Alegre, fiz vestibular, passei” (Cleusa Maia, informação verbal).

Eu vinha fim de semana ou ele ia, porque nós não tivemos filhos. Nós vivíamos, eu, ele e a minha sogra [...]. Eu ficava lá a semana toda, fim de semana eu vinha, quando apertava uma prova, alguma coisa que não dava pra vim, eu avisava: ‘nem vem porque eu vou tocar ficha aqui, vou estudar’ (Cleusa Maia, informação verbal).

Além da composição familiar e a relação matrimonial adotada pelo casal, o formato do curso, proposto de forma intensiva para os alunos que trabalhavam, com aulas concentradas nos meses de julho e de dezembro, possibilitou conciliar a faculdade em Porto Alegre com o trabalho em Rio Grande. Cleusa entrou para a graduação no Centro

¹⁸ João Carlos Maia faleceu no ano de 2021, durante o processo de pesquisa.

¹⁹ Inspirado em Geertz (2020), “senso comum” é utilizado nesse estudo como um sistema cultural.

²⁰ Apesar da “explosão feminista” dos anos 1970, que ocasionou a “feminização da cultura”, desconstruindo os modelos tradicionais de sexualidade, feminilidade e corporeidade, como discorre Margareth Rago (2001, 2002, 2013), a sociedade ainda era formada pelos discursos históricos – baseados na ciência e na religião –, que estipulavam padrões habituais de conduta, valores e códigos morais, determinando o regime de verdades da época. Nessa conjuntura, as mulheres se destinavam aos espaços privados – a maternidade e o lar – resquícios também de um regime ditatorial militar e conservador, que incentivava, como ideal nacionalista dos anos 1930 aos anos 1950, o papel de “mãe cívica”.

Universitário Metodista – IPA em Porto Alegre no ano de 1973, terminando o curso em 1977.²¹

Uma história para ser (re)conhecida

Goellner (2020) salienta a importância de “conhecer para reconhecer”. Assim, (re)conhecer um pouco mais sobre esse momento na carreira da professora Cleusa Maia, como preparadora física do F. C. Rio-Grandense em 1974 e especificadamente no S. C. São Paulo em 1975, é visibilizar e legitimar esse acontecimento um tanto singular na historiografia do futebol rio-grandino, que ajuda a construir as memórias do futebol brasileiro.

Entre os personagens que fizeram parte desse acontecimento protagonizado pela professora Cleusa Maia está Domingos Escovar, desportista vinculado, em 1974, ao F. C. Rio-Grandense. Sua relação com Cleusa vinha desde os tempos em que ela era atleta de vôlei e ele, seu treinador. Também fazia parte da gestão do clube, João Carlos Maia, esposo de Cleusa que, como já pôde-se perceber, também tem um papel fundamental nessa história.

Como discorre a colaboradora, Domingos Escovar a interpela sobre a possibilidade de treinar fisicamente a equipe juvenil do F. C. Rio-Grandense:

‘Pô Cleusa vou te dizer uma coisa, os guri tão...’. Eles ganhavam quase tudo, eles eram muito bons. Aí ele disse: ‘pô Cleusa não dá pra tu dar um trabalho físico pra eles? Porque esses guris só correm antes do jogo, eles não fazem trabalho mais nenhum’. Quem sabe..., aí falei com o João Carlos, ele também andava muito junto e tal, ele disse: ‘se quiseres ir...’. Aí eu fui lá, fui lá ver como é que está, ver os guris tudo direitinho. Aí pensei, sentei, fui ver uma série de coisas que eu tinha, ver como que posso trabalhar, não é colégio, tem que diferenciar [...], que não é com criança. E aí me preparei, dei uma estudadinha, tinha umas coisas que eu tinha de literatura boa, uma coisinha boa. Disse pra ele: ‘então eu vou. Vou dar um trabalho físico pra eles duas vezes por semana’ (Cleusa Maia, informação verbal).

²¹ O ano de 1975 caracteriza-se como um “marco histórico para os avanços das idéias feministas no Brasil” (Teles, 1999, p. 84-85), quando a Organização das Nações Unidas (ONU) o intitula como o Ano Internacional da Mulher. Apesar da ditadura militar, a mulher brasileira passou “a ser protagonista de sua própria história, em que a luta por seus direitos específicos se fundia com as questões gerais. Respondia de maneira forte aos anseios da época: de se expressar, de falar, de enfrentar, de agir” (Teles, 1999, p. 85). Em sua entrevista, Cleusa não fez menções às transformações que os movimentos feministas estavam produzindo, todavia, o lugar que ela assume como preparadora física de uma equipe profissional de futebol masculino, paralelo ao fato de cursar uma faculdade em outra cidade, está sintonizado com as demandas e reivindicações dos movimentos feministas da época.

Com o sucesso rápido alcançado pelo time juvenil, tendo inclusive, segundo Domingos Escovar, conquistado o vice-campeonato estadual, e com a proximidade com a equipe profissional que treinava no mesmo espaço e que estava disputando o torneio citadino, surge a oportunidade de Cleusa Maia assumir também a preparação física dos profissionais, após a saída do preparador físico.

Aí um mês depois, não me lembro se foi doença ou se ele brigou e caiu fora. Deixou ele [Domingos Escovar] no meio do torneio sem preparador. E aí o Domingos: ‘ah, Cleusa, deixa eu te dizer uma coisa, a turma tá gostando tanto desse teu trabalho, os jogadores ficavam olhando lá, tu não te anima a pegar eles só pra eles não ficarem parados?’. ‘Ué, se quiser então aí eu faço a primeira hora com eles e depois eu fecho com os guris como estava’. Então comecei, passava a tarde toda lá, trabalhava com o Rio-Grandense profissional. Mas isso aí foi bem pouco tempo, uma ajuda, até eles terminarem o torneio. Mas cheguei a trabalhar com eles também (Cleusa Maia, informação verbal).²²

Em 1975, Domingos Escovar e João Carlos Maia se transferiram para o S. C. São Paulo para a disputa do Campeonato Gaúcho. Após o convite concomitante das diretorias do F. C. Rio-Grandense e do S. C. São Paulo para assumir os clubes em 1975, Domingos Escovar relata: “Como meu sogro era torcedor do São Paulo e a minha mulher, também, e a Cleusa e o João Carlos, também, eu reuni eles e disse: ‘Não, vem cá, eu vou pegar o São Paulo, eu sou do São Paulo. Em 1975, assumi a presidência do São Paulo’ (informação verbal).²³

Foi um convite desse cara [Escovar], porque na verdade ele era paulista²⁴ de coração, mas ele fazia qualquer negócio de esporte, ele gostava muito. E os amigos dele lá do São Paulo: ‘pô Domingos vamos dá uma força’. Aí ele disse: ‘recebi um convite, vou pro São Paulo, vou pro meu clube mesmo, vou trabalhar no meu clube’ (Cleusa Maia, informação verbal).

Os estudos de Passero *et al.* (2020), Novais *et al.* (2021) e, Guimarães, Barreira e Galatti (2023) indicam que a inserção e a progressão na carreira de treinadoras dependem

²² De acordo com Cleusa, o torneio em questão era o Campeonato Citadino, que envolve os 3 clubes profissionais da cidade – S. C. Rio Grande, S. C. São Paulo e o F. C. Rio-Grandense.

²³ Informação mencionada por Domingos Escovar, durante entrevista em 2021 (conferir nota de rodapé 15). Referenciado doravante: (Domingos Escovar, informação verbal).

²⁴ Referente a torcer pelo S. C. São Paulo.

das suas redes de contato. O acesso das mulheres nesse ramo de trabalho é facilitado quando há o suporte de um gestor que ocupa um cargo que o permite tomar decisões dentro de um clube (Guimarães; Barreira; Galatti, 2023).

Ao final do ano de 1974 a professora Cleusa Maia aceita o convite para assumir a preparação física da equipe profissional do S. C. São Paulo para disputar o Campeonato Gaúcho de 1975. Essa função irá projetar Cleusa Maia para todo o cenário do futebol gaúcho.

O primeiro dia de trabalho no Sport Club São Paulo

No dia 11 de janeiro de 1975, no então estádio Waldemar Fetter, atual Aldo Dapuzzo²⁵, em Rio Grande/RS, acontecia a primeira intervenção oficial de uma mulher como preparadora física de um clube profissional de futebol no Brasil. A imprensa de Porto Alegre noticiou o acontecimento pelo jornal Folha da Tarde (Figura 1).

Figura 1 - O primeiro dia de Cleusa Maia.



Fonte: Folha da Tarde (1975).²⁶

²⁵ O estádio do S. C. São Paulo era chamado de Linha do Parque (como até hoje é conhecido), devido à linha de trem que passava ao lado do estádio, localizado no bairro Parque. A partir de 1964 o estádio ganhou o nome de Waldemar Fetter e, 13 anos mais tarde, tornou-se Aldo Dapuzzo. Para mais informações: Cesar (2012); <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2021/04/palco-tradicional-do-futebol-gaucha-estadio-aldo-dapuzzo-completa-100-anos-cknqr4ew005h01989felrk36.html>. Acesso em: 06 jan. 2022.

²⁶ O primeiro dia de Cleusa Maia. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 13 jan. 1975. Interior. p. 36.

Bem distante do Rio Grande, o *Correio Braziliense* e o *Diário de Pernambuco* também registraram o momento histórico, enfatizando a presença do público: “Muita gente compareceu ao estádio Linha do Parque, na cidade de Rio Grande, para ver o trabalho de Cleusa Maia, a Professora que dirigirá o preparo físico dos jogadores do São Paulo” (*Correio Braziliense*, 1975, p. 12; *Diário de Pernambuco*, 1975, p. 17).²⁷

O relato de Cleusa não só corrobora com as matérias como deixa transparecer que a presença do público durante os treinos não se deu somente em sua estreia, passando a fazer parte do cotidiano do clube. “Eu fazia treino pra arquibancada cheia. [...], era senhores, era gurizada, era todo esse pessoal aposentado e que gostam do São Paulo. Tudo iam pra lá. Passava a tarde lá enquanto eu trabalhava” (Cleusa Maia, informação verbal).

O momento histórico também foi evidenciado pela imprensa de Manaus que anunciou o pioneirismo de Cleusa Maia com a manchete: “Inédito no Brasil: mulher prepara jogador profissional” (*Jornal do Commercio*, 1975, p. 7)²⁸. Assim como pela imprensa de Recife, que discorre: “Pela primeira vez no Brasil, uma mulher será preparadora física de um time de profissionais” (*Diário de Pernambuco*, 1975, p. 15)²⁹.

Equívocos da imprensa

Apesar de parte da imprensa ter registrado a carreira de Cleusa Maia no futebol, a questão do pioneirismo da mulher como preparadora física voltou à cena em 1979, quando o jornal *Correio do Povo*³⁰, de Porto Alegre, faz referência ao trabalho de Ana Maria Xavier de Moraes³¹, preparadora física da Associação Desportiva Bandeirante (Núcleo Bandeirante/DF), como a primeira mulher a exercer o ofício no futebol masculino. Com o intuito de reivindicar e reafirmar o pioneirismo de Cleusa Maia, o colunista Jorge Ravara, do *Jornal Agora*, do Rio Grande, faz esta ressalva geo-histórica em relação à reportagem do jornal porto-alegrense.

²⁷ Sem título. *Correio Braziliense*, Brasília, 11 jan. 1975, p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/56587. Acesso em: 27 maio 2022.

Preparadora Física. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 jan. 1975, Esportes. p. 17. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/65498. Acesso em: 27 maio 2022.

²⁸ Inédito no Brasil: mulher prepara jogador profissional. *Jornal do Commercio*. Manaus, 9 jan. 1975, p.7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/111249. Acesso em: 05 set. 2023.

²⁹ Mulher prepara jogador profissional. *Diário de Pernambuco*, Recife, 1º jan. 1975. Esporte. p. 15. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/65178. Acesso em: 27 maio 2022.

³⁰ Ana Maria é a primeira mulher no futebol. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 8 abr. 1979. Esportes. p. V.

³¹ Nascida em 10 de janeiro de 1950, em Conceição do Castelo/ES.

O Correio do Povo, edição de 08 de abril passado, traz, no seu caderno de esportes, à primeira página, em destaque, uma reportagem focalizando a “primeira mulher do futebol”. A matéria enaltece a fisicultora Ana Maria, que foi contratada pela Desportiva Bandeirante, de Brasília, como sendo a primeira mulher a exercer essa atividade, no futebol profissional. Nada contra dona Ana Maria. Sempre é bom, aliás, constatar, que as mulheres ganham novas frentes de trabalho.

Apenas há de se reparar, quanto ao pioneirismo. A primeira mulher no futebol, não foi, nem é dona Ana Maria [...]. A primeira dama do futebol profissional está em Rio Grande, e é a sra. Cleusa Maia, que foi fisicultora do São Paulo em 1975, quando o clube conseguiu ir a fase semi-final do gauchão [...] (Jornal Agora, 1979, p. 5).³²

A retratação do Correio do Povo veio em seguida, em sua edição dominical de 20 de maio de 1979, quando, em reportagem elaborada a partir de uma entrevista com Cleusa Maia, a reconhece como precursora, evidenciando o fato logo no título: “Cleusa foi a primeira mulher do nosso futebol”. A matéria pontua: “A diretora Cleusa Maia, ao contrário do que a imprensa de todo o país recentemente noticiou, foi a primeira mulher a trabalhar em um clube de futebol no Brasil, tratando diretamente com jogadores” (Correio do Povo, 1979, p. 3).

Similar à reportagem do Correio do Povo, a Revista Manchete³³, de 3 de março de 1979, com a matéria intitulada: “A única preparadora física brasileira”, também faz referência à carreira de Ana Maria, noticiando-a como “a primeira mulher preparadora física de um time de futebol no Brasil” (Manchete, 1979, p. 113).³⁴

Independentemente dos lapsos cometidos por alguns veículos de imprensa, tanto Cleusa Maia como Ana Maria³⁵ são referências históricas no exercício de um ofício –

³² A primeira mulher. **Jornal Agora**, Rio Grande, 4 maio 1979. Esporte. p. 5.

³³ A única preparadora física brasileira. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, 3 mar. 1979. p. 113. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/183512>. Acesso em: 27 maio 2022.

³⁴ Esse esquecimento histórico aconteceu mesmo que em 1975, essa mesma revista tenha publicado uma matéria sobre Cleusa Maia, com o título: “Uma treinadora prestigiada”, de acordo com recortes do arquivo pessoal da colaboradora. O próprio livro de Willy Cesar, sobre a história do centenário do S. C. São Paulo, além de tratar de forma superficial o assunto, traz a informação equivocada de que Cleusa Maia seria goiana de nascimento.

³⁵ Apesar de não ser a primeira preparadora física do futebol brasileiro, sua função inicial na A. D. Bandeirante provavelmente lhe dá o pioneirismo como preparadora de goleiros. Após trabalhar no futebol amador, o clube, que precisava de um auxiliar para seu treinador, contratou a desportista para fazer parte da comissão técnica. Contudo, em entrevista ao Correio Braziliense, Ana Maria relata que sua função inicial foi treinar os goleiros. Somente depois, com as faltas constantes do preparador físico, foi convidada a assumir esse cargo, que, de acordo com o Jornal dos Sports, teve início em 1978. Em 29 de abril de 1979, Ana Maria constrói outro marco histórico, ao estrear como treinadora da A. D. Bandeirante, tornando-se também, ao que tudo indica, a primeira técnica do futebol masculino no Brasil. Para mais informações, conferir:

preparadora física do futebol masculino. Ao mesmo tempo, são exceções em um contexto de proibições (legais e simbólicas) e invisibilidade histórica, já que quase 50 anos depois essa atividade continua sendo exercida, majoritariamente, por homens.

Notícias da imprensa: dos discursos sexistas ao reconhecimento profissional.

O ano de 1975 nem tinha começado e já ecoavam por todo o Rio Grande do Sul, entre outros estados brasileiros, comentários na imprensa de que o S. C. São Paulo tinha contratado uma mulher para ser a preparadora física da equipe profissional. A charge a seguir (figura 2) ilustra o componente sexista que se apresenta em muitas matérias divulgadas na imprensa escrita.

Figura 2 - Uma mulher como preparadora física



Fonte: Jornal Folha da Manhã (1974).³⁶

Brasília quer vencer para ficar numa boa na tabela. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 6 abril 1978. p. 9. http://memoria.bn.br/docreader/112518_04/47956. Acesso em 16 maio 2022.

Futebol é coisa prá mulher. **Correio Braziliense**, Brasília, 8 dez. 1978. p. 31. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/114128. Acessos em 16 maio 2022.

Brasília que se cuide. Desportiva tem mulher na direção. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 25 abril 1979. p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/112518_04/55028. Acesso em 16 maio 2022.

Apronto definirá Brasília para a estreia. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 26 abril 1979. p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/112518_04/55042. Acesso em 16 maio 2022.

Ana Maria Moraes, a primeira treinadora do Brasil. **Diário de Pernambuco**, Recife. 13 jul. 1979. Feminino. http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/138660. Acesso em 16 maio 2022.

³⁶ Sem título. **Jornal Folha da Manhã**, Porto Alegre, 27 dez. 1974. s/p.

O então presidente da Escola de Futebol de Porto Alegre, Antônio Carlos Mendes Ribeiro, idealizador do curso para treinadores, foi uma das autoridades esportivas da época que usou a imprensa para destacar que era contrário à Cleusa exercer o ofício de preparadora física, alegando que as mulheres “estudam apenas o indispensável desta cadeira nas Faculdades de Educação Física” (Zero Hora, 1975)³⁷.

Outro argumento utilizado por Mendes Ribeiro foi o Decreto-Lei n. 3.199 de 1941³⁸: “É oportuno esclarecer aos especializados em fisicultura, que a lei proíbe a prática de futebol para mulheres e isto encerra o assunto e as pretensões das interessadas” (Zero Hora, 1975). Na mesma matéria, “Mendes Ribeiro salientou que não é contra as mulheres, mas quer fazer com que a lei seja cumprida e os nela regulamentados possam ter mais oportunidades. E que não se repitam coisas semelhantes ao que acontece atualmente em Rio Grande” (Zero Hora, 1975).

Figura 3 - Manchete que precede as opiniões de Mendes Ribeiro, Cleusa Maia e Ludendorfe Xavier.



Fonte: Zero Hora (1975).

Dividindo a mesma página, e as opiniões, o jornal publicou a manifestação da própria Cleusa Maia que se sentiu surpreendida com a repercussão, já que não imaginava que uma pessoa “que se diz esclarecida fosse ter atitudes essencialmente machistas” (Zero Hora, 1975), classificando as ideias de Mendes Ribeiro como “estranhas e ultrapassadas”.

³⁷ Professor Ribeiro é contra as mulheres. **Zero Hora**, Porto Alegre, 1975, s/p.

³⁸ Tal decreto foi revogado em 1979, porém, o futebol feminino foi regulamentado somente em 1983.

O jornal abriu espaço também para a manifestação do ex-árbitro de futebol e professor da Escola de Educação Física do IPA, Ludendorfe Xavier³⁹ que, apesar de considerar a situação polêmica, “explicou que realmente existe uma lei que proíbe a prática do futebol pela mulher, mas nada impede que possa trabalhar como fisicultora de um time de futebol” (Zero Hora, 1975). O professor complementou ainda: “Se a mulher pode dar aulas de educação-física para homem, porque não pode dar-lhe preparação-física?” (Zero Hora, 1975).

No Folha da Tarde, Mendes Ribeiro novamente se posiciona e demonstra seu descontentamento pelo apoio dado ao S. C. São Paulo por contratar uma preparadora física, o que causou divergências entre os membros da Associação de Treinadores e Fisicultores Diplomados do Rio Grande do Sul.

Fui honrado pelos colegas com meu nome indicado para o conselho da nova Associação. Nestas bases, renuncio. Não vou me atrelar a grosserias e erros que nada de útil construirão para os especializados em Educação Física e Desportos. A classe deve se impor pelos conhecimentos e capacidade de seus componentes. Nunca pelo eventual diploma que possa carregar debaixo do braço. É preciso antes de mais nada melhorar o nível, corrigir os erros existentes, exigir ao máximo para uma especialização em futebol. Então uma moça, sem conhecimentos mínimos sobre futebol, pode e deve ser uma preparadora física de equipes profissionais? [...] Futebol é coisa muito séria para ser tratado da maneira como vem sendo feita (Folha da Tarde, 1975, p. 28).⁴⁰

Além do preconceito enfrentado mesmo antes de começar a trabalhar de fato na preparação física do S. C. São Paulo, algumas manchetes de jornais, apesar de não trazerem um tom pejorativo e condenatório, como as matérias anteriores, evidenciam os estereótipos do imaginário social que vigoravam na época (figura 4).

Figura 4 - O discurso machista do imaginário social.



Fonte: Zero Hora (1974).

³⁹ Também era um dos principais entusiastas para oficializar a Associação Profissional dos Técnicos, Supervisores, Administradores, Fisicultores e Recreacionistas em clubes esportivos.

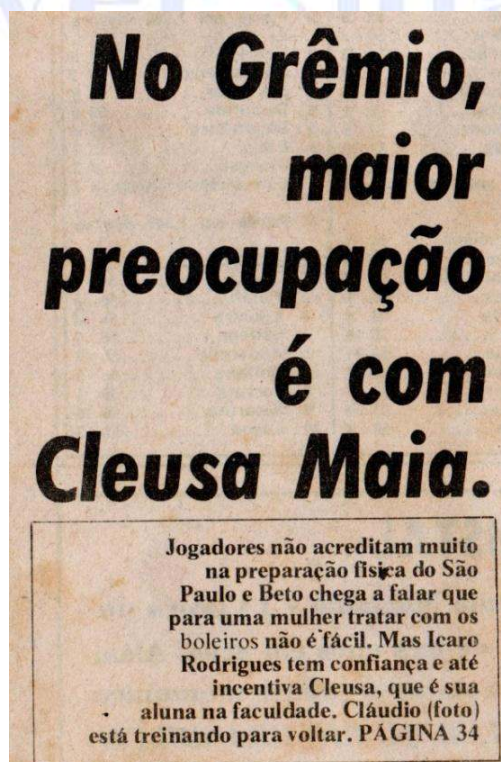
⁴⁰ Ribeiro reclama da falta de seriedade com o futebol. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 3 jan. 1975. p. 28.

As adjetivações relacionadas à sua feminilidade não foram exclusividade da imprensa gaúcha. O Diário de Notícias (RJ) noticiou a novidade, caracterizando-a da seguinte maneira: “28 anos, bonita, gaúcha, professora de educação física” (Diário de Notícias, 1975, p. 11).⁴¹ Esse discurso qualifica as mulheres como objetos simbólicos, algo a ser percebido pelo olhar dos outros. “Delas se espera que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas” (Bourdieu, 2020, p. 111).

A suposta dependência ou submissão da mulher em relação ao marido, também se evidencia nos discursos do jornal, quando na mesma matéria discorre: “O curioso é que, sendo casada, recebeu do marido o maior apoio à idéia, sem nenhum preconceito” (Diário de Notícias, 1975, p. 11). No dia seguinte, em sua edição dominical, o jornal volta a falar da preparadora física, encerrando a matéria dizendo: “Ela já era professora de educação física. Tudo isso com beneplácito do marido” (Diário de Notícias, 1975, p. 14).⁴²

Com os bons resultados durante a competição, aos poucos os discursos publicados na imprensa foram mudando (figura 5).

Figura 5 - A preocupação com Cleusa Maia.



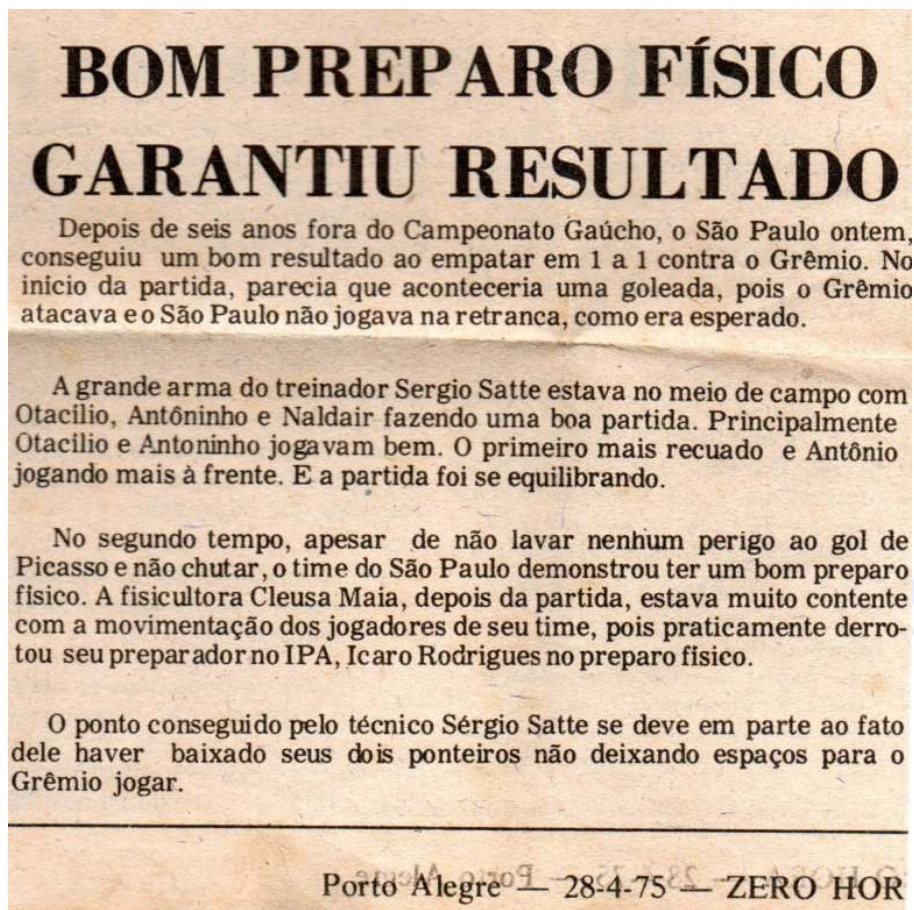
Fonte: Recorte do arquivo pessoal de Cleusa Maia.

⁴¹ Falando sério. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 4 jan. 1975. p. 11. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/093718_05/36489. Acesso em: 27 maio 2022.

⁴² Patch-Work. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 6 jan. 1975, p. 14. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/093718_05/36508. Acesso em: 27 maio 2022.

Seguindo esse discurso, após a referida partida, o jornal Zero Hora noticia sobre o empate em 1 a 1 entre S. C. São Paulo e Grêmio chamando a atenção para o trabalho da preparadora (figura 6).

Figura 6 - O bom preparo físico do S. C. São Paulo.

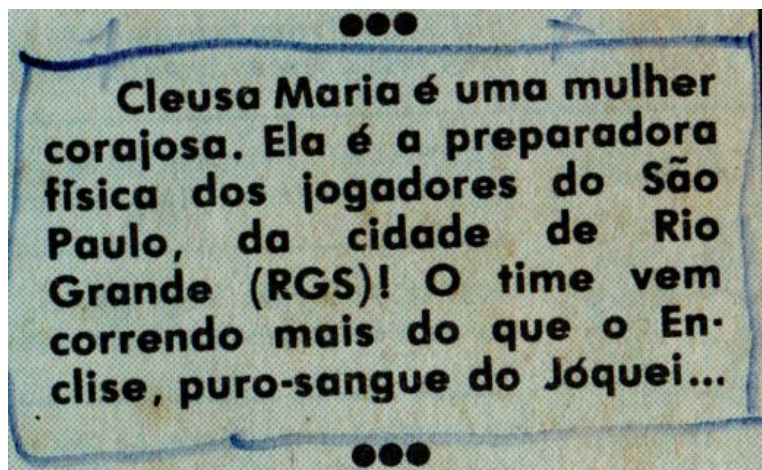


Fonte: Zero Hora (1975)⁴³

A preparação física da equipe parece ter sido bastante explorada pelos noticiários, deixando transparecer que foi esse um dos quesitos responsáveis pela boa campanha do S. C. São Paulo no Campeonato Gaúcho de 1975.

⁴³ Bom preparo físico garantiu resultado. **Zero Hora**, Porto Alegre, 28 abril 1975.

Figura 7 - A coragem de Cleusa Maia.



Fonte: Recorte do arquivo pessoal de Cleusa Maia

No outro lado do país o Jornal do Commercio (AM) também passa a evidenciar a preparação física da equipe, quando relata na matéria intitulada, “Nos pampas mulher comanda sucesso”, que

[O] sucesso conseguido pelo time do São Paulo, da cidade de Rio Grande, classificado para a fase final do campeonato gaúcho, está sendo creditada ao preparo físico dos seus jogadores. E a novidade é de que quem comanda o preparo físico no São Paulo é uma mulher (Jornal do Commercio, 1975, p. 7).⁴⁴

Essa mudança de discurso começa a repetir-se e destaca, inclusive, a atuação de Cleusa junto ao diretor de futebol João Carlos e o presidente Domingos Escovar em uma partida em que o São Paulo estava, momentaneamente, sem treinador (figura 8).

Figura 8 - Participação da preparadora física na escalação do time.



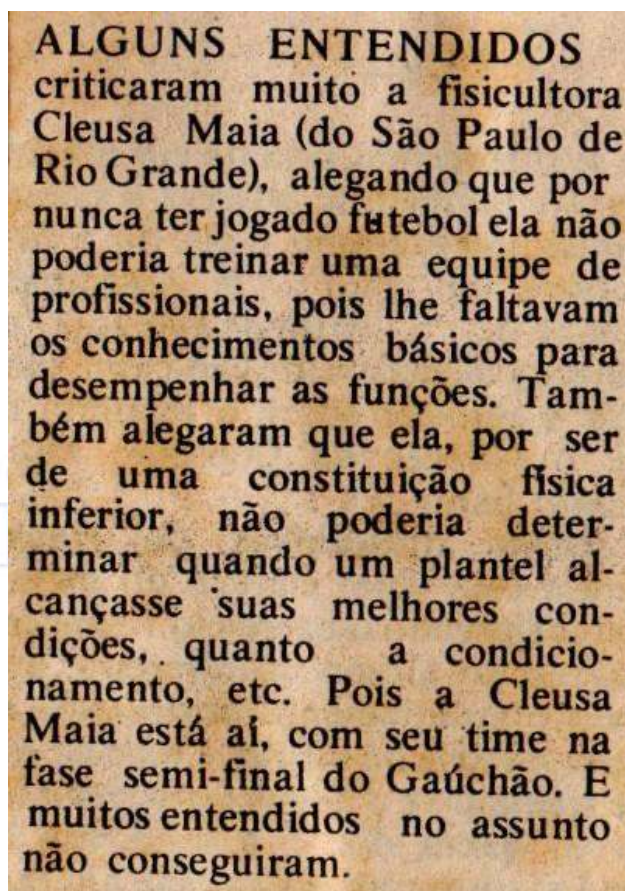
Fonte: Folha da Tarde (1975).⁴⁵

⁴⁴ Nos pampas mulher comanda sucesso. **Jornal do Commercio**, Manaus, 27 abril 1975, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_01/112375. Acesso em: 27 maio 2022.

⁴⁵ Cleusa Maia escala o time contra o Novo Hamburgo. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 24 maio 1975. p.23.

O Jornal Agora, em sua edição de 31 de dezembro de 1975, elegeu os melhores do ano no futebol rio-grandino. Além de uma seleção formada por jogadores dos três clubes profissionais da cidade, concorriam nessa escolha, o melhor presidente, o diretor, o desportista do ano, o técnico, o massagista, a revelação do ano, o craque do ano e o fisicultor, que teve Cleusa Maia como a escolhida.

Figura 9 - Crônica de Lauro Quadros.



ALGUNS ENTENDIDOS criticaram muito a fisicultora Cleusa Maia (do São Paulo de Rio Grande), alegando que por nunca ter jogado futebol ela não poderia treinar uma equipe de profissionais, pois lhe faltavam os conhecimentos básicos para desempenhar as funções. Também alegaram que ela, por ser de uma constituição física inferior, não poderia determinar quando um plantel alcançasse suas melhores condições, quanto a condicionamento, etc. Pois a Cleusa Maia está aí, com seu time na fase semi-final do Gaúchão. E muitos entendidos no assunto não conseguiram.

Fonte: Arquivo pessoal de Cleusa Maia.

O reconhecimento de seu trabalho transcendeu os limites do município, como mostra a crônica supracitada, escrita por Lauro Quadros, conhecido jornalista esportivo da televisão, do rádio e da imprensa escrita do Rio Grande do Sul.

Uma mulher no vestiário: entre badalação, respeito, desconfiança e armações

A presença de uma mulher em um ambiente hegemonicamente masculino causou inquietações e a imprensa não deixou de questionar essa relação, pois certamente a

novidade mudaria o comportamento culturalmente hostil do futebol no interior do Rio Grande do Sul. Como relata Antoninho Silva, ex-atleta do clube, “[...] e olha, a gente se dava pau” (informação verbal)⁴⁶, falando sobre nunca ter se machucado gravemente em um futebol com essas características.

A situação inquietava também os torcedores. Domingos Escovar relata que “os caras uma época perguntavam: ‘Como é que faz pra entrar no vestiário? Não precisa entrar no vestiário! A preparação física é no campo’. E sempre teve respeito, quando tiver que entrar no vestiário vai tá todo mundo vestido” (informação verbal).

Figura 10 - Cleusa Maia no banco de reservas do S. C. São Paulo.



Fonte: Arquivo pessoal de Cleusa Maia.

Com o título “Ela é fisicultora: vai dirigir time”, o *Diário da Tarde* (PR) também trata sobre essa “preocupação” e traz o relato de Cleusa que diz: “Na rua, muitos me perguntam se não tenho vergonha de enfrentar tantos homens, das piadas, e coisas assim. No entanto, nunca tive desilusões desde que comecei há oito meses com os juvenis. Não acredito que seja diferente agora, com os profissionais” (*Diário da Tarde*, 1974, p. 8).⁴⁷

⁴⁶ Informação mencionada por Antoninho Silva, durante entrevista em 2021 (conferir nota de rodapé 16). Referenciado doravante: (Antoninho Silva, informação verbal).

⁴⁷ Ela é fisicultora: vai dirigir time. *Diário da Tarde*, Curitiba, 31 dez. 1974. p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800074/132212>. Acesso em: 28 maio 2022.

De acordo com Cleusa, esses questionamentos, assim como piadas sexistas sobre o vestiário, também aconteceram em outros momentos, como em uma entrevista cedida à RBS TV, filiada da Rede Globo no Rio Grande do Sul.

Ia ser tipo uma roda, pra me fazer a entrevista lá em Porto Alegre. E tu sabe qual a primeira coisa que o (jornalista)⁴⁸ me perguntou? E o (jornalista) eu me lembro, o (jornalista) sentado assim..., aquele olho me olhando. ‘Esse cara vai me ferrar em pleno programa’. Eu já estava preparada. ‘Vai me ferrar’. E ele ali, aí vinha um, conversava: ‘Oi tudo bom?’ Tudo bom então. ‘Ah então estamos no futebol lá, né?’. E o (jornalista) assim só me olhando.

Quando chegou na hora dele falar, ele disse assim.: ‘Uma das coisas que a gente fica, assim, curioso pra saber, como tu pode ser uma preparadora física e de que jeito tu entra lá dentro do vestiário, dos banheiro deles, como tu processa isso aí?’. Putz, ele deu a bolinha e eu chutei, eu disse assim: ‘olha professor (jornalista)’. Não sei como é que chamavam ele na época. ‘Olha, vou te dizer uma coisa, eu estou ali pra fazer um trabalho de preparação física, eu não estou ali pra dar banho e nem olhar banho de ninguém, de atleta. Eu não preciso nem pisar lá onde eles estão se arrumando, onde eles estão tomando banho. Eu não preciso ir lá. Porque o meu trabalho é aqui, aqui é trabalho no campo’.

E ele se desacomodou na cadeira, porque ele quis me desconsertar, mas não desconsertou, e assim, veio umas perguntas bestas, idiotas, se eu sentia que os caras tinham olhares e não sei o quê, uma besteira, eu vou te contar. (Cleusa Maia, informação verbal).

Como relatou Antoninho Silva “ela foi na época muito badalada né, muito badalada” (informação verbal), fato ilustrado em algumas matérias:

Com o São Paulo na Divisão Especial, em breve Cleusa Maia chegou aos noticiários dos jornais de todo o País. Diariamente era obrigada a dar entrevistas, e quando o São Paulo viajava era alvo de curiosidade popular em todas as cidades que chegava. Naqueles dias, uma mulher preparando fisicamente um clube de futebol profissional, era um bicho de sete cabeças, diz Cleusa Maia. ‘Achavam que era impossível. As pessoas me atacavam nas ruas e perguntavam como os jogadores se comportavam comigo. Fora de Rio Grande, então, era pior. Os torcedores me cercavam, pois queriam ver de perto a mulher que aplicava física a jogadores de futebol’ (Correio do Povo, 1979, p. 3)⁴⁹.

⁴⁸ Por questões éticas o nome conhecido do rádio, televisão e jornais gaúchos foi substituído por jornalista.

⁴⁹ Cleusa foi a primeira mulher do nosso futebol. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 20 maio 1979. Caderno de Esportes. p. 3.

Figura 11 - Cleusa Maia em entrevista com Celestino Valenzuela.⁵⁰

Fonte: Arquivo pessoal de Cleusa Maia.

“Geralmente era sempre assim, curiosidade, correndo jornalista pra cá e pra lá, entrevista, entrevista, entrevista. Foi sempre, sempre assim” (Cleusa Maia, informação verbal). Um dos momentos mais marcantes dessa repercussão aconteceu na cidade de Passo Fundo:

Parecia a Madonna que estava chegando, porque eu não podia nem respirar, não dava nem pra respirar, era todo mundo assim, em cima, em cima. Povo, povo, povo atrás do reservado, as crianças na beira da tela, as crianças tudo assim, as carinhas, parecia que tu eras uma coisa fora do mundo, sabe? Impressionante isso aí, lá foi impressionante (Cleusa Maia, informação verbal).

Cleusa Maia sofreu pressões de todos os tipos e teve que lidar também com armações forjadas pelos adversários. Uma das situações aconteceu na cidade de Passo Fundo, onde em entrevista ao Jornal Correio do Povo, Cleusa Maia relata que “tentaram

⁵⁰ Celestino Valenzuela foi um dos principais narradores esportivos do Rio Grande do Sul.

comprometê-la, quando os jornais noticiaram que ela passara a noite na concentração, junto com os jogadores” (Correio do Povo, 1979, p. 3)^{51,52}

Em outra ocasião a Revista Placar discorre sobre mais uma tentativa de desqualificarem seu trabalho:

O sucesso da Cleusa foi tão grande – afirma um jornalista da cidade – que os cartolas do Rio Grande [S. C. Rio Grande], morrendo de inveja, armaram uma trama pra desmoralizá-la: mandaram alguém jogar cápsulas de um estimulante no vestiário do São Paulo e depois chamaram a imprensa ‘para que vissem o belo trabalho da preparadora’. Todos viram logo o golpe (Revista Placar, 1975, p. 10).⁵³

Apesar das armações, dos rumores e dos questionamentos invasivos, o respeito prevaleceu, tanto dos atletas, como da torcida. Os discursos demonstram que houve uma relação salutar entre a profissional e o clube. Em entrevista para o jornal Zero Hora, em 22 de abril de 1975, Cleusa relata: “eu fui muito bem aceita pelos jogadores e torcida. E os atletas cumprem fielmente minhas determinações, não havendo problemas de indisciplina” (Zero Hora, 1975).

Antoninho Silva destaca o respeito que predominava e enfatiza a relação local: “Sabe qual é a vantagem que tinha de tu trabalhar naquela época? Eu acho é que a grande maioria dos jogadores do São Paulo eram do Rio Grande. Flávio Sales, Machado, Piva, Rubens Pescoção, tudo era daqui. Então, os poucos que tinham de fora não se criavam” (informação verbal).

A união da equipe, a relação com a cidade e o conseqüente pertencimento ao clube também transparecem em diversos trechos da fala do ex-futebolista, além de ganhar coró no relato de Domingos Escovar: “jogador de futebol naquela época, profissional, ele era um profissional um tanto amador. Ele gostava do clube e ele valorizava a camiseta e o salário que ele ganhava, ele valorizava o salário que ele ganhava, independente de quanto era” (informação verbal).

⁵¹ Cleusa foi a primeira mulher do nosso futebol. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 20 maio 1979. Caderno de Esportes. p. 3.

⁵² Cleusa relatou que sempre viajava acompanhada do marido, João Carlos Maia, diretor de futebol do S. C. São Paulo e que de fato ambos estavam à noite com os jogadores, participando de jogos de carta, mas posteriormente iam para outro hotel.

⁵³ Rio Grande, cidade com 120000 habitantes, classificou três clubes para o Campeonato Gaúcho: Pelotas sobrou. **Revista Placar**, nº 267, 9 maio 1975, p. 8-11.

Então, foi em outros tempos, jogava por amor mesmo, entende? [...] em dia de jogos eu esperava a torcida chegar assim lá na frente, ficava vendo, eu ficava analisando, dizia, [como se estivesse ‘pensando alto’]: ‘porra, do meu esforço depende a alegria desse pessoal’. [...] Era muito diferente, a gente se doava mesmo, né. Pô, os caras tinham medo de jogar aqui (Antoninho Silva, informação verbal).

Em entrevista ao *Jornal Correio do Povo* em 1979, Cleusa reafirma essa boa relação com os atletas:

Os jogadores do São Paulo sempre me respeitaram. Quando chegava no portão do estádio, diziam: ‘lá vem a professora’. E o ambiente continuava descontraído. Naquele tempo, já me lembrou o ex-presidente Domingos Escovar, hoje diretor de futebol, o plantel do São Paulo devia ser o mais educado do Brasil. Jogador algum dizia palavrão (*Correio do Povo*, 1979, p. 3).⁵⁴

Essa relação de pertencimento também fica evidente no vínculo trabalhista que Cleusa possuía com o S. C. São Paulo, já que, por opção e apreço, seu trabalho era voluntário. As únicas remunerações recebidas eram dos “bichos”⁵⁵. “Eu queria ajudar o clube porque ele [Domingos Escovar] era meu amigo, ele era muito paulista” (Cleusa Maia, informação verbal).

Os relatos dão conta de que, além da afinidade local com o time, a relação estritamente profissional entre atletas e preparadora física, bem como a confiança que os futebolistas depositavam nos gestores do clube, foram fatores preponderantes para a aceitação e o conseqüente respeito entre os profissionais.

Como ex-futebolista, Antoninho Silva relata: “O pessoal aceitou numa boa. Porque na cabeça de cada um o que a diretoria fazia era pro bem. Não ia contratar uma preparadora que não fizesse nada. E ela deu conta do recado. Foi muito legal mesmo” (informação verbal).

Como gestor, Domingos Escovar declara: “Eu acho que ela se fazia respeitar porque sempre foi uma profissional muito competente. Eu acho que ela nunca ficou assim, se bestiando. Ficava lá, trabalhando. Trabalha e depois cada um pro seu lado. Respeitava ela porque ela era uma autoridade, né?!” (informação verbal).

⁵⁴ Cleusa foi a primeira mulher do nosso futebol. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 maio 1979. Caderno de Esportes. p. 3.

⁵⁵ Premiação paga aos atletas e à comissão técnica, previamente acordada, em caso de vitória ou empate.

“Mas a história da Cleusa, foi essa. Foi uma excelente e competente preparadora física!”⁵⁶

A história que constitui este estudo é, até certo ponto, familiar (Velho, 1997), por se tratar de uma relação de pertencimento – o futebol local. Ao mesmo tempo, reservadas suas devidas comparações entre os “infames estritos” ou de “máxima exatidão”, sobre os quais se debruçou Foucault (2006), pode-se considerá-la infame, tendo em vista que, apesar de sua inserção midiática em dado recorte temporal, décadas depois esse acontecimento parece ter se tornado anônimo e desconhecido até mesmo para os nativos.

Nesse contexto, dado o desconhecimento desse fato tão marcante, não só para o futebol, mas, sobretudo, para a ocupação das mulheres em espaços hegemonicamente masculinos, esta pesquisa se legitima como um registro importante na historiografia do futebol brasileiro e nos estudos socioculturais do esporte. Tratou-se de oportunizar a visibilidade de uma trajetória particular que, mesmo desconhecida, faz parte da história do futebol nacional. Essa e outras histórias ainda não descobertas ou registradas “permitem conhecer diferentes mulheres cujos corpos e memórias chegam até nosso presente através de rastros do passado, vestígios recolhidos de um outro tempo e ressignificados à luz da interpretação do presente” (Goellner, 2007b, p. 174).

Por meio das fontes orais, sobretudo as documentais, percebem-se distintas opiniões que ajudaram a revelar muito sobre aquele tempo. Desde a crítica inicial à participação de uma mulher no contexto futebolístico da época – passando por charges machistas e estereotipadas, matérias pejorativas e ferrenhas críticas –, até o discurso da imprensa, voltando o seu foco para a competência profissional, não mais para o fato de ser uma mulher ocupando aquele espaço.

Detendo-se às análises documentais, ficaram evidentes a percepção do feminino nos espaços esportivizados que tradicionalmente produzem e reproduzem a identidade masculina, bem como, por consequência, a violência simbólica da qual trata Bourdieu (2020). Assim, percebe-se o quanto, como discorrem Torga, Santos e Mourão (2018), as “mulheres que ousam ocupar espaços que não são tradicionalmente reconhecidos como próprios ou naturais, do futebol à política, são tratadas como desviantes e revolucionárias”.

⁵⁶ Informação verbal. Domingos Escovar, entrevista em 2021.

Na preparação física, além de Cleusa Maia em 1975 e Ana Maria em 1979, tem-se conhecimento de outra profissional em uma equipe masculina somente em 2005, quando Vânia Maria Azevedo Santana exerceu a função no Atlético Clube Lagartense, da cidade de Lagarto/SE (Gomes; Nassif; Mourão, 2012; Santos; Cruz; Menezes, 2013; Oliveira; Silva, 2014). Resta claro que, baseado em Passero *et al.* (2020), ainda é ínfima a participação de mulheres nessa função, mesmo no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, já que entre 2013 e 2019, somente 15% desse cargo foi ocupado por mulheres.

A presença de treinadoras também é diminuta. No futebol masculino se tem conhecimento de somente quatro profissionais: Ana Maria Xavier de Moraes (A. D. Bandeirante/DF – 1979), Cláudia Malheiro (A. D. Vasco da Gama/AC – 1999 e Andirá E. C./AC – 2000), Janaína Alexandrino (Guarani F. C./MG – 2010) e Nilmara Alves (A. D. Mantiqueira/SP – de 2012 a 2020).

No Campeonato Brasileiro Feminino de 2020, 21 mulheres ocupavam a função, sendo 2 treinadoras e 4 auxiliares na Série A1, e 6 treinadoras e 9 auxiliares na A2, contemplando 20,19% de profissionais (Novais *et al.*, 2021). A edição de 2022, segundo o portal Dibradoras⁵⁷, teve o recorde de treinadoras da Série A1, com 5 profissionais entre as 16 equipes. Já no campeonato de 2023 esse número foi reduzido para 3.

Alguns fatores são determinantes para esse cenário. “Dificuldade de ascensão no cargo, conflito entre vida pessoal e vida profissional e necessidade de atestar a sua competência” (Guimarães; Barreira; Galatti, 2023, p. 13), mesmo que as profissionais sejam capacitadas com graduação em Educação Física, especializações e cursos específicos sobre futebol e treinamento (Novais *et al.*, 2021).

“É inegável que as condições femininas na sociedade mudaram. Mas, ainda há um enorme abismo entre os gêneros e a maneira como eles estão colocados no mercado de trabalho e em diversos ambientes” (Torga, 2019, p. 12). No futebol, o fato de ser homem, independente de formação ou competência, por si só legitima o desempenho de funções (Novais *et al.*, 2021). Resta claro que “o esporte é uma das maiores instituições segregadoras de gênero das sociedades contemporâneas” (Camargo, 2021, p. 109).

Voltando-se às fontes orais, em uma reflexão antecipada, fazendo uso do senso comum, ao qual Geertz (2014) tanto nos chama atenção e dá importância como um sistema cultural, poderíamos prever ou imaginar que os relatos trazidos nessa escrita e

⁵⁷ Para mais ver, conferir: <https://dibradoras.com.br/2022/01/13/brasileiro-feminino-tera-recorde-de-mulheres-treinadoras-na-a1-em-2022/>. Acesso em: 26 abril 2022.

talvez, principalmente, o depoimento de Cleusa Maia, teriam como foco o preconceito, o machismo e o sexismo, o que tornaria este estudo um canal de desabafo, protesto, crítica ou lamentações.

Contudo, apesar de compreenderem as inquietações promovidas pela presença de uma mulher no ambiente do futebol nos anos 1970, por serem de pessoas que não somente vivenciaram *in loco*, mas também observaram as matérias veiculadas na imprensa da época, os relatos não se detiveram a lamúrias ou à crítica social. As falas dão conta de uma mulher segura, determinada, que quebrou paradigmas, superou os discursos patriarcais e enfrentou um sistema.

Tendo consciência de que o lugar de fala impõe limites, trazemos reflexões em forma de questionamentos, mesmo que a priori não seja o objetivo deste estudo decifrá-las. Podemos entender essa reação de negação a uma crítica social mais contundente, como uma não percepção da violência simbólica, a qual Bourdieu (2020, p. 12) entende como “suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas”. Seria esse comportamento naturalizado pelos colaboradores que legitimam, involuntariamente, o comportamento dos dominados? Estes, segundo Bourdieu (2020), aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes?

Com o intuito de instigar a reflexão individual de cada um a esse respeito, cabe-se citar novamente Bourdieu (2020, p. 69): “A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos”.

Assim, podemos também refletir com Goellner (2007a, p. 174): “[...] a História é um dos muitos discursos que existem acerca do mundo e da humanidade cujas narrativas tanto podem fazer lembrar o que deve ser lembrado quanto invisibilizar o que deve ser esquecido”. Por outro lado, podemos entender essa compreensão de status social como reflexo do movimento feminista que emerge significativamente nesse recorte temporal? Pois mesmo que conscientemente não se levantasse tal bandeira, o movimento sem dúvidas rompe, como discorre Rago (2013), com os regimes de verdade da época e libertam as mulheres do modelo universal da figura de Mulher. Logo, não problematizar tal questão durante os relatos poderia ser percebido como um discurso que evidencia a resistência ao contexto?

Com a intenção de produzir uma escrita que superasse a cronologia dos fatos (Schmidt, 2003), o estudo visou discorrer sobre essa fissura na historiografia futebolística

e social, registrando essa história e desfazendo equívocos publicados pela imprensa dos anos 1970, reconhecendo e dando visibilidade ao pioneirismo de Cleusa Maia como preparadora física no futebol profissional masculino. Sendo assim, restam claras a importância e a necessidade do que indica Goellner (2020): o “silêncio não significa ausência” e é fundamental “conhecer para reconhecer”. Como discorre Soares (2006, p. 61), “a mulher é um sujeito social, historicamente determinado, mas a partir de uma história oculta e perdida no emaranhado do poder patriarcal”.

A história que leva o nome de Cleusa Maia, mas que representa, de alguma maneira, todas as mulheres que lutam e ocupam espaços em uma sociedade que tem o masculino como medida de todas as coisas (Bourdieu, 2020), é por demais representativa para viver escondida nas, como discorre reiteradamente Silvana Goellner, zonas de sombra, “pois a visibilidade traz conscientização e, potencialmente, ‘inclusão’ em áreas sociais não acessíveis” (Camargo, 2021, p. 67).

Por fim, ao compreender que as relações sociais entre homens e mulheres nos anos 1970 tinham uma conjuntura que passou por fatores de mudança, graças ao trabalho crítico do movimento feminista, e transcorridas mais de duas décadas do século XXI, pode-se entender que “a maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível” (Bourdieu, 2020, p. 145). Logo, “ninguém duvida de que o mundo se tornou mais feminino e feminista” (Rago, 2001, p. 60).

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Leituras de gênero e sexualidade nos esportes**. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

CESAR, Willy. **Um século de futebol popular: a história do Sport Club São Paulo**. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2012.

CORREIA, Jones Mendes *et al.* A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do Jornal Echo do Sul (1900: 1916). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.L.], v. 42, n. 1, p. 1-7, maio 2020.

FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2006.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 2, p. 171-196, maio/ago. 2007a.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico *In: Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. (Org.) Goellner, S. V. e Jaeger, A. A. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007b, p. 13-26.

GOELLNER, Silvana Vilodre. As mulheres do futebol: visibilidade para as mulheres do futebol. **Ludopédio**, São Paulo, v. 131, n. 9, 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/as-mulheres-do-futebol-visibilidade/> Acesso em: 23 jul. 2020.

GOMES, Euza; NASSIF, Vânia; MOURÃO, Ludmila. As representações da mídia sobre a gestão feminina no Clube de Regatas Flamengo. **PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 146-166, jan./jun. 2012.

GUIMARÃES, Karen; BARREIRA, Júlia; GALATTI, Larissa Rafaela. “Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também”: trajetórias de mulheres treinadoras no futebol brasileiro. **FuLiA/UFMG**, v. 8, n. 3, set.-dez., 2023.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo *et al.* **História Oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU**. São Paulo: Humanitas, 1998.

LIMA, Fernando Godinho. **Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MACKEDANZ, Christian Ferreira; RIGO, Luiz Carlos. “Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: notas sobre a liga esportiva rio branco (1926-1930). **Cadernos de História**, [S.L.], v. 22, n. 37, p. 222-239, nov. 2021.

MANHAGO, Gustavo; GRABAUSKA, Cléber. **100 vezes gauchão: a história centenária de uma paixão**. Porto Alegre: AGE, 2019.

MARTINS, Cristiane Alves Branco. **O desenvolvimento da cidade do Rio Grande ao longo de sua história**. 2014. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Economia, São Leopoldo, 2014.

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)**. 2. ed. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2022. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/10366>

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- MORIN, Violette. **El objeto biográfico**. In: MOLES, A. *et al.* Los objetos. 2. ed. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1974.
- NOVAIS, Mariana Cristina Borges *et al.* Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 1-18, abr. 2021.
- OLIVEIRA, Cristiano José de; SILVA, Grasiela Oliveira Santana da. Vânia Maria de Azevedo Santana: a representação social da mulher sergipana nas corridas de rua – um desafio no universo sexista. **Educon**, Aracaju, v. 8, n. 1, p. 2-10, set. 2014.
- PASSERO, Julia Gravena *et al.* Futebol de Mulheres Liderado por Homens: uma análise Longitudinal dos Cargos de Comissão Técnica e Arbitragem. **Movimento**, Porto Alegre. v. 26, n.1, p. 1-18, ago. 2020.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo. v. 14, p. 25-39, fev. 1997.
- RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógina. São Paulo em Perspectiva, **Revista da Fundação Seade**, [S.l.], v. 15, n. 3, p. 58-66, jul. 2001.
- RAGO, Margareth. Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do “amor venéreo”. **Projeto História**, São Paulo, n. 25, p. 181-195, dez. 2002.
- RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- RIGO, Luiz. Carlos. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora UFPel, 2004.
- SANTOS, Hervan Sostenes Santana; CRUZ, Isis de Oliveira; MENEZES, Lisane Teixeira Dantas. Contando história sobre destaques esportivos da cidade de Lagarto-SE. **Cadernos de Graduação—Ciências Biológicas e da Saúde**, Aracaju, v. 1, n.17, p. 157-168, out. 2013.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias e regimes de historicidade. **MÉTIS: história & cultura** – v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003.
- SOARES, Guiomar Freitas. Da invisibilidade à cidadania: um estudo sobre as identidades de gênero. In: SEFFNER, Fernando *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais**. Editora da FURG, 2006.
- SOARES, Ricardo Santos. **O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade

Católica do Rio Grande do Sul/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2014.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TORGA, Monique; SANTOS, Francielle Pereira; MOURÃO, Ludmila Nunes. Gênero e Futebol: as mulheres na gestão do futebol brasileiro. **Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade. Rio Grande: Editora da FURG, 2018.

TORGA, Monique. **Com a palavra, as gestoras: a trajetória de mulheres em cargos de gestão nos clubes de futebol do Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Desportos) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

TORRES, Luiz Henrique. “... e a modernidade veio a bordo”: Arqueologia histórica do espaço marítimo oitocentista na cidade do Rio Grande/RS. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

WITTER, José Sebastião. **O que é futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Recebido em outubro de 2023.

Aprovado em dezembro de 2023.